



FEUDO  
DO PARNASSO,  
E  
VICTIMA NUMEROSA.

*Victima*



V  
D  
L  
FR A  
Ba  
m  
Co  
Po  
I  
Na C

FEUDO DO PARNASSO,  
<sup>E</sup>  
VICTIMA NUMEROSA,

Que às aras da Soberana Magestade  
DO MUYTO ALTO, E PODEROSO REY

D. JOAÕ V.

CONSAGRAVA

FRANCISCO DE VASCONCELLOS COUTINHO,

*Bacharel formado na faculdade dos sagrados Cano-  
nes pela Universidade de Coimbra, natural da  
Cidade de Funchal da Ilha da Madeira;*

Com varias obras posthumas do mesmo  
Author,

DADAS A LUZ

Por LOURENCO, O MANOEL  
DA CAMARA, E VASCONCELLOS.

PRIMEIRA PARTE.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina DE PEDRO FERREIRA,

Anno M.DCCXXIX.

*Com todas as licenças necessarias.*

FRANCISCO DE TARRASCO  
VIGESIMA TERCERA

Que se abra de Gobernador y Capitán  
de Puerto Rico y de las Indias

D. JOAQUIN

CONSEJO DE LAS INDIAS  
Yo el Rey, por mandado del Rey nuestro Señor el Rey  
de España, de su real cédula, en virtud de la cual  
se ha mandado que se abra de Gobernador y Capitán  
de Puerto Rico y de las Indias

Don Juan de Guzman

DADA EN LA  
CIUDAD DE MADRID

PRIMERA PARTE



LIBRO OCCIDENTAL  
DE PEDRO FERRER

MADRID, 1777



OS altares, Senhor, das divindades  
 se votaõ os aromas, e as espigas,  
 tendo o cajado, e a purpura igualdades;  
 Que não prezaõ as aras as fadigas  
 mais de incensos, que fumaõ opulencias,  
 que de pavéas, victimas mendigas.

Bebem do Sol iguaes benevolencias,  
 o levantado monte, o humilde valle,  
 hum, e outro em douradas influencias.

Dispondo Deos, que, paraque se iguale,  
 no monte o Cedro as flammulas enfeite,  
 no valle a flor os ambares exhale:

Victimas são do mar; sem que as regeite,  
 remigeros bateis, naos magestosas,  
 sem que o mar humas mais que outras respeite.

Os cofres abre das librés vistosas  
 a primavera, que igualando a gala,  
 enfeita as hervas, quando alinha as rosas.

Que a grandezza, Senhor, a tudo iguala,  
 e só puros affectos mais venera,  
 como linguas fieis, com que amor falla.

Pois para todos, para toda a esphera,  
 he pay, amparo, abrigo, e documento,  
 o templo, o Sol, o mar, a Primavera.

Templo he a Magestade, altar cruento  
 de coraçõens, que em culto do sagrado  
 acreditam nas victimas o alento.

He

## 6 E VICTIMA NUMEROSA.

He Mar, de cujo imperio distillado,  
ser de vitas e espiritos rocia,  
de que os homens dependem o animado.  
He Sol, que illuminando a Monarquia  
dos Astros, e das plantas, que engrandece,  
as espheras adorna, os campos cria.  
He Primavera, donde reverdece  
o tronco seco, que de Abril nas cores  
remôça ramas, e vergeis florece.  
Busque logo por auras superiores,  
dita no Altar, na Primavera brio,  
no Sol amparos, e no Mar favores.  
Pois busca com bem-quisto desvario  
a primavera ao sol, o mar ao templo,  
o tronco à sombra, a dependencia ao rio.  
Porém, senhor, qual Icaro contemplo,  
nestes voos de cera remontados,  
girar Troyas de cinzas para exemplo.  
Em azas de ouro a espiritos dourados,  
se eleva o girasol, ao Cinthio louro,  
que de azas de ouro são os Sóes trepados.  
Mas tendo no seu cume o seu desdouro,  
mostra em brilhantes vágados cabido,  
que tem voos dourados, quedas de ouro.  
Corre de hum risco o tremolo gemido  
do arroyo, que de prata faz empenho,  
peitando as flores, por se ver crescido.

Mas

Mas abortando em choro o seu desenho ,  
em vez de conseguir sua melhora ,  
compra a poder de prata o seu despenho.

Soluça o rio , se o regato chora ,  
buscando ao mar , mas este limitado ,  
na garganta daquelle se devora.

Mas o mar , ambos com igual aggrado ,  
tanto aceita ao regato o seu tributo ,  
como ao rio agradece o seu cuidado.

Se o rio , a flor , o arroyo , tem por fruto  
da altivez , da esperança , da vaidade ,  
chorar prata , arder ouro , acabar luto ;

Cera , que voa ao Sol da Magestade ,  
que esperar pode mais , que o precipício ,  
que he o fruto , que o arroyo persuade.

Mas em crimes de ousado sacrificio ,  
saõ as culpas estimulos da inveja ,  
que donde o erro he gloria , a emmenda he vicio.

**A** Crespas ancias de crystal corteja ,  
o patrio Tejo a pifaros de prata ,  
ao palacio , que humilde os pès lhe beija ;

Onde a crystaes guarnece , a perlas ata  
a Coroa de Lisia , que Narciso  
nos espelhos das agoas se retrata.

Que quiz da providencia o summo aviso ,  
( pois nada singular no mundo nasce )  
que já , que ter igual era preciso ,

Do

## 8 E VICTIMA NUMEROSSA.

Do Tejo nos crystaes se retratasse ;  
porque a não ser de si mesma retrato ,  
não podéra haver outra , que a igualasse.  
Cujos palacio templo sempre grato ,  
estreito altar da Corte Lusitana ,  
que he dos orbes trofeo , dos Sóes ornato.  
He da illustre Lisboa soberana ,  
que da testa da Europa a melhor joya  
fez a ventura pobre , a inveja ufana.  
Cujas grandezas , que em trofeos apoya  
a fama , são envejas das Ausonias ,  
lutos de Grecia , funeraes de Troja ;  
Pois excedendo ás fortes Babilonias ,  
aos Corinthos , ás Thebas , aos Carthagos ,  
Capuas , Numancias , Memphis , Macedonias ;  
São os Lethes de Cretas , & Ariopágos  
de Asyrias , Persas , Capadocias , Cumas ,  
e outras , que eleva a fama em clarins vagos.  
Pois são curtos pregoens das glorias summas  
de Lisboa , matizes de Phenicia ,  
de Thracia liras , e de Athenas plumas ;  
E o que mayor applauso lhe acaricia ,  
he ser Baze do Solio Lusitano ,  
dos folegos da fama alta delicia.  
Neste de heroycos Vates Vaticano ,  
que berços do valor , do brio auroras ,  
forão de Marte annuncio soberano ;

Ref-



Respiráram as trompas mais canóras ,  
 que dos éccos da fama nos responsos  
 contaõ no applauso em seculos as horas.  
 Quatro Joaens , dous Pedros , seis Affonsos ,  
 hum Deniz , hum Fernando , e hum Duarte ,  
 dous Sanchos ( rayos de ambitos intonsos )  
 Hum Henrique , hum Manoel , e hum , que por arte  
 Sebastiaõ , trocou homens por estrellas ,  
 por auróras de Adonis , ays de Marte.  
 Pois illustrando essas bordadas tellas  
 do firmamento , que Argos rutilantes  
 tremolas são do impireo cintinellas.  
 Multiplicando espiritos radiantes  
 aos Ceos , a golpes de Africos alfanges ,  
 fez de Lusos Mavortes , Sóes brilhantes :  
 Destes ( ob sepultura quanto abranges ! )  
 Sóes de Lisia , nas urnas do Occidente ,  
 choradas cinzas desde o Tejo ao Ganges.  
 Ultimo foy aquelle astro valente  
 segundo Pedro , Athlante do primeiro ,  
 que da Igreja cabeça refulgente ,  
 Se o não fez na thiara companheiro ,  
 o fez no zelo , em que Argos vigilante  
 do Catholico pezo o fez herdeiro ;  
 Pois coluna da fé sempre constante ,  
 remo fiel da militante barca ,  
 foy da thiára de Pedro , Pedro Athlante ;

B

E de

# 10 E VICTIMA NUMEROSA.

*E de todos os ambítos Monarcha  
fora, a não ter pela mortalidade,  
menos poder a purpura, que a parca;  
Porque em regia animada suavidade,  
na bemquista violencia do carinho,  
lhe sobrava o poder da Magestade;  
E sendo das coroas Real alinho,  
he das saudades decorosa medra,  
berço de affectos, de suspiros ninho:  
Pois mais que em tempo de Ariadne, e Pbedra,  
votando os corações idolatrias,  
he por urna de Pedro, idolo a pedra.  
Deste espelho exemplar das Monarchias  
Sol posto em corações, que derramados  
no pranto, são de chamas urnas frias;  
E da flor mais sublime, que os agrados  
das prendas, engastando nas virtudes,  
fez mais que ouro os esmaltes estimados;  
Cuja cinza esplendor dos ataúdes,  
sagrado altar de funebres saudades,  
fez do pezar as eloquencias rudes.  
Nasceo para exemplar das Magestades,  
documento vital dos mais imperios,  
ancia feliz de humanas divindades;  
O real brado, que atroa os emisferios,  
João Quinto, Regio Sol dos Lusitanos,  
dos ritos do valor vitæes mysterios;*

*Cujo*

## FEUDO DO PARNASSO, II

Cujo nome ditoso, que os arcanos  
bebeo do peito em glorias mais divinas  
ignorados mysterios dos humanos.  
Passando os sacros dons as Lusas Quinas,  
(Brasão, que a Portugal por Deos foy dado)  
de hum, e outro Joaõ por glorias dignas;  
Fez, que hum, e outro em vinculo sagrado,  
no mesmo coração, no mesmo peito,  
estivesse hum dormindo, e outro armado.  
Pois sendo de hum escudo, de outro leito,  
o lado, onde Joaõ dorme sem cautela;  
fez armar a Joaõ para o respeito,  
E de Christo real Argos cintinella,  
com armas do seu sangue rubricadas,  
onde dorme hum Joaõ, outro Joaõ vella,  
E se em armas Reaes, Quinas sagradas  
tem Joaõ, por ser de Deos o mais amado  
Principe, entre as mais frentes coroadas;  
O mundo tema a Portugal armado,  
que Christo segurando-lhe as vitorias,  
tem de Joaõ as armas a seu lado;  
E para mais triunfos, ou mais glorias,  
no numero tambem as razoes sinto,  
com que as Quinas lhe ficão meritorias;  
Porque o braço que em sacro sangue tinto  
deu Deos a Portugal, em Joaõ realça,  
pois quix, que para as Quinas fosse o quinto.

## 12 E VICTIMA NUMEROSSA.

*Naõ mais presuma a divindade falsa  
de Cupido, que a tiros de humas settas  
estraga corações, e plumas calsa;  
Que as armas de Joaõ de amor as metas  
passando, antes dos golpes levaõ chagas,  
que as violencias bemquistaõ de discretas;  
Onde sendo as feridas as triagas  
dos corações, que nellas renascidos,  
nos mesmos golpes tem de amor as pagas;  
Fazem premios de affectos bem nascidos  
das chagas, que por timbre de envejosos  
saõ ditosa vaidade de feridos;  
Dignos brasoens dos cultos decorosos  
de Joaõ Real, em cujas lusas aras,  
fumos saõ os da fama heroes famosos.  
Pois Lusitano Athlante das tiaras,  
das chaves guarda, se da barca leme,  
Sol verteo sombras tristes, luzes claras;  
Digaõ-o la no Helesponto o mar que geme,  
com portateis Sultanas, Turquas quilbas,  
de quem o golfo foge, a espuma treme;  
Breadas aves, que dos Euros filhas,  
emplumadas piramides do argento  
ceruleo, daõ de Thetis nas mantilhas,  
No celeste brasaõ, no corpulento  
vulto, que as selvas despe, os astros bate,  
firmamentos ao mar, luas ao vento.*

Pro-

## FEUDO DO PARNASSO, 13

Promontorios volantes, sem que os ate,  
o mar a grilhos, pois nas ondas bellas  
tremolo altar, a tanto alado vate;  
Beijando luas, praguejando estrellas,  
vem que a voos de cinzas batem azas,  
se Mariposas simplez giraõ velas;  
Pois se do Luso saõ portateis gazas,  
experimentaõ, em nauticos Carthagos,  
as agoas cinzas, as espumas brasas.  
Iras tremolaõ nos pendões preságos  
as Turcas Luas, contra as Lusas Quinas,  
rayando sustos, influindo estragos.  
Mas athe de despojos sendo indignas,  
rayos cedem ás armas Lusitanas,  
ufanando em triunfos as ruinas;  
Que ainda as luas pisadas saõ ufanas  
dos Sóes de Lisia, pois do Sol victorias,  
saõ dos astros ruinas soberanas.  
As Quinas Lusas tremolando glorias  
cobrem de eclipses luas presumidas,  
lea-se o mar, e em seu papel historias.  
Solta Vulcano as agoas aturdidas,  
por bocas de metal duros suspiros,  
gemendo bronzes, derramando vidas.  
Fogem as ondas, que Coraes Safiros  
pregoens de nacar por espesso rumo  
em ceruleos rubins, saõ negros giros.

Toldaõ-

## 14 E VICTIMA NUMEROSA.

Toldaõ-se os ares no conflito summo ,  
vestindo os ventos , arrastando as agoas ,  
pela morte do Sol, capuz de fumo.  
Polvoras rizas , espumosas fragoas ,  
em trémolos letreiros são cadernos  
os mares , que em crystaes escrevem magoas:  
Sendo das luas tragicos infernos ,  
e das Quinas em musicas de prata ,  
a solfas de crystal , ondosos ternos,  
Rende-se a Lua , que em trofeos desfata  
mentidos rayos , a planetas Lusos ,  
vivo esplendor da luz , que o Sol acata.  
Tudo gloria , e valor daquelles usos  
gentis do braço , que excedendo a Marte ,  
vibrando rayos , desmentio abusos ;  
Digo o Conde do Rio , a quem a parte  
mayor desta victoria , a digna frente  
laureou de valor , de brio , e arte.  
Pois vibrando o bastaõ contra o tridente  
de Neptuno , que a remoras de pinho  
nauticas selvas em safir desmente ;  
Movendo montes a frizoens de linho ,  
granisa Troyas , respirando balas ,  
sendo aos crystaes as purpuras alinho ;  
Onde as bocas de bronze em mudas fallas ,  
dando á fama penachos nas marlotas ,  
fazem de Thetis os turbantes galas ;

Ge-

Gemem as agoas , e os crystaes garçótas  
 de escarlatas , em nacares de prata  
 são pifaros da fama , em auras rotas.  
 De crystal , e carmim vinculos áta  
 o mar , que por adornos de safiro ,  
 fez chamalote de agoas o escarlata ;  
 E a qualquer tiro do metal suspiro  
 respira o fogo os halitos de Jove ,  
 e geme o bronze em purpuras de Tiro.  
 Pois cada peça , que as sultanas move ,  
 tecendo louros , eclipsando luas ,  
 derrama Pindos , e Carthagos chove.  
 As meyas Cinthias de esplendores nuas ,  
 eclipsadas á luz de lusos braços ,  
 trocam em glorias nossas , luzés suas.  
 E em seus mesmos crepusculos escassos  
 mostraõ , que pelo meyo vaõ partidas ,  
 ao Sol de Lisia , as luas em pedaços ;  
 Em cujas glorias os liaes Athridas  
 de Lisia , dam por timbres do seu solio  
 aos Olympos o nome , a fama aos Idas:  
 Tendo no Luso sangue o melhor oleo  
 de Lisia as chagas , que a purpureo custo  
 trocam em luta Tarpeya o Capitolio.  
 Desmaye Olympo esse elevado susto ,  
 das espberas piramide sublime ,  
 em Theffalia , em Ethiopia rayo adusto.

Que

16 E VICTIMA NUMEROSA.

Que se os astros tremôla , os ceos opprime ,  
hoje as luas arrasta o luzo braço ,  
pendoens flammantes , com que a fê redime ;  
Lamente o Nilo , que de perlas lasso  
tem no monte da Lua o Cintheo berço ,  
pisando o Egypto a cristallino passo.

Pois se tóca da Lua o solio terço ,  
tem Portugal as luas abatidas  
a trofeos de esplendor pelo universo.

Oh , de Alcides injurias bem nascidas  
timbres da fama , prologos da inveja ,  
honras dos jaspes , e dos bronzes vidas !

Portuguezes fieis archas da Igreja ,  
Catholicos liaes , e os mais constantes ,  
que o mundo abarca , ou que o ceo corteja :

Do catholico pezo sempre Athlantes ,  
lavradores da vinha Sacrosanta ,  
Argos da Christandade vigilantes.

Dignos vassalos , que ventura tanta ;  
da Lusa Magestade sempre augusta ,  
honra que mais eleva , ou mais espanta.

A qual com vossas mãos á regia custa  
defendendo da Igreja immunidades ,  
os Ceos penhora , quando o mundo afusta.

Catholico exemplar das Magestades ,  
que com regio immortal devoto zelo ,  
erige corações em divindades.

Pois



# FEUDO DO PARNASSO, 17

Pois por seu feliz inclito disvelo  
respira liberdade toda a Italia  
do naval Otumano em bruto duelo :  
Que imitando despenhos de Castalia ,  
fugindo dos Apollos Lusitanos ,  
desagourou os Dedalos de Galia ;  
Ficando por trofeos dos Vaticanos ,  
purpuras Lusas , em que a fê derrama  
por triumphos os credits nos danos.  
Bocas são as feridas , com que acclama  
o sangue Portuguez , o zelo ardente ,  
que á Lusa Magestade o peito inflamma.  
Digno premio daquelle reverente ,  
Catholico , respeito Magestozo ,  
por quem Deos logra o culto mais decente.  
Qual a Sé Patriarchal , esse pomposo  
Lethes de Epheso, polvora de Gnido,  
das artes gloria , das ideas gofo :  
Susto de Memphis , que de Ofir vestido ,  
de riquezas sem numero adornado ,  
e de joyas sem preço enriquecido.  
He de Cesar , e Cresso avantejado ,  
emprego liberal , ancia de Midas ,  
do Sol enveja , se dos Ceos aggrado.  
E outros mais templos , e aras construidas ,  
que em digno culto , heroico Sanctuario ,  
são trofeos das ideas mais pulidas.

Pois

C

Diga-o

## 18 E VICTIMA NUMEROSA.

Diga-o de Mafra esse auspicado erario,  
que em Sarcophagos marmores sepulta  
estructuras, que applaude o tempo vario.

Pois já nos rudimentos, com que avulta,  
vaticinando o credito ás ideas,  
a competencia os logros difficulta.

Calem de Gnido as aras Cytheréas,  
parem de Rhodes os de Ofir rocios,  
e do Oceano as gazas Erytréas.

Cayam de Memphis os Icaros brios,  
pyramides, que escandalos dos astros,  
aguas de jaspe são, do Sol Navios.

Ardaõ de Epheso os negros alabastrs,  
sendo tragicos Icaros de fumo,  
que a penas de altivezes deixaõ rastros.

Cesse de Pantheon o globo summo,  
que de Venus, e Marte ara rotunda,  
he de todos os Deoses sacro rumo.

E quanto o Sol rodéa, o mar circunda,  
a plumas de crystal, a remos de ouro,  
que as prayas borda, que os Abris fecunda.

Quanto matiza em de ambares thezouro  
o prado, quanto a trémolos diamantes  
borda o Ceo, quanto a rayos o Deos Touro.

Cesse, admire, em respeito vacillantes  
Pantheon, Memphis, Rhodes, Gnido, Epheso,  
Sol, mar, prado, Olimpicos tonantes.

Que

## FEUDO DO PARNASSO, 19

Que de todo esse tempo rayo acceso  
hade ser, pois dos bambitos injuria,  
susto das artes he, dos Sóes desprezo.

Sem que do tempo a estragadora furia  
seja dos seus applausos, surda lima,  
sendo dos orbes imperiosa curia.

Pois nesse azul papel, que os Sóes intima,  
letras os astros são, com que o Ceo borde  
os volumes, que aos seculos imprima.

Tbiorbas de Safir, musica acorde,  
serão as ondas solfas crystalinas,  
tiples de neve, com que o mar recorde.

No prado bailes de ambar as boninas,  
as arpas dos arroyos farão danças  
ao som dos roxinões liras mais finas.

Tudo em culto das altas esperanças,  
desse templo, que molde das ideas,  
impossivel será das semelhanças.

Que ao politico sangue das Reaes veas,  
do Regio pelicano, que o fabrica,  
sendo do sacro Anchises real Eneas.

Já nos primeiros rudimentos fica,  
se nos dispendios a grandezza pobre,  
nas opulencias a vangloria rica.

Empreza mais gentil da aguia mais nobre,  
que Tipheo mais prudente os Ceos conquista,  
porque a voos de jaspe luzes cobre.

Cij

Qual

20 E VICTIMA NUMEROSA.

Qual outro Joaõ , essa Aguia Evangelista ,  
que dormindo no peito os olhos cega ,  
e as espheras rasgando pule a vista ;  
No coração de Christo Joaõ socega ,  
donde as armas tirando os Ceos avança ,  
por ter a Deos de casa , em que se emprega.  
Tanta gloria merece , tanto alcança ,  
quem o sangue mais regio , ouro mais fino ,  
no esmalte das virtudes a fiança.  
Mas que muito de cultos seja digno  
celestes, quando flores, brutos, feras ,  
feudos são do seu solio peregrino :  
Os quadrupedes Euros , que as espheras  
espumando nas coleras briosas  
tascaõ astros , arreyaõ primaveras.  
Ufanas competencias , e envejosas  
lides , contendem sobre o Regio pezo ,  
aspirando venturas taõ vaidosas.  
O Zefiro castanho em brio acceso ,  
relampago enfilhado, morde alentos,  
nos crespos grilhos das espumas prezo.  
O suspiro murzelo tasca os ventos ,  
bebendo medos , espumando justos ,  
de que o veloz lhe usurpe os pensamentos.  
O bayo pensamento aos pés augustos  
embridando ambições tasca ufanias ,  
a quem Osir arreya a tersos custos.

En-

## FEUDO DO PARNASSO, 21

Enfilhados Abris nas galhardias  
dos rayos, e nas crinas emplumados,  
Iris do vento, precussoras guias.  
Mais vangloriosos, quanto mais prostrados,  
qualquer delles pertende o magestoso  
pezo, quaes os frizões do Sol dourados.  
Hum Ethonte, hum Piróes, que o luminoso  
carro de Phebo, com pavor brilhante,  
tiraõ por campos de Safir lustroso.  
Athe que hum delles espumoso Athlante  
da Magestade, avizinhandos rayos  
do Sol, que gira Icaro arrogante,  
Nas azas das espumas fáz ensayos,  
que derretidas aos reaes fulgores,  
são prologos os voos dos desmayos.  
Pavaõ de crinas, Zefiro de cores,  
ufano o bruto exhalacão vivente,  
perolas piza ao semear suores.  
Do potofi que calça transparente  
espelhos faz, pois tanto as mãos levanta,  
que aos espelhos, que calça, enfeita a frente.  
Se toca as pedras a briosa planta,  
faiscas brota, sendo em luzes varias,  
relampagos de rayos, com que espanta.  
Ou he, que ao Regio culto em temerarias  
linguas, que resplandecem respectivas,  
athe as pedras accendem luminarias.

Sendo

## 22 E VICTIMA NUMEROSA.

*Sendo só das potencias discursivas ,  
se corre o bruto indicio da sospeita ,  
sonho da vista , em aras illusivas.  
Pois por mais que o sentido os pés lhe espreita ,  
voo dos olhos , duvida da vista ,  
mal lhe seguem os zefiros a treita.  
No passeyo galan contrapontista ,  
veloz acorde cythara ao compasso  
da redea , sem que á remora resista ;  
Suspendendo os sentidos braço a braço ,  
em cada rincho entoa hum contraponto ,  
e hum sustenido quebra em cada passo.  
Neste dos brutos mais galan disconto ,  
do favonio quadrupede mentira ,  
por quem fabula he o rayo , o vento he conto ,  
Montado Joaõ , quando as esporas gira ,  
de purpuras ao bruto banhaõ ellas ,  
que ufano brota , Magestozo admira.  
Onde os astros , beijando as plantas bellas ,  
da Magestade ufanos , nas esporas  
atbe vestem de purpura as estrellas.  
E no bosque segredo das auroras ,  
rondando as brutas archas de Diana ,  
que Pomónas marchitaõ , trocaõ Floras.  
Aqui lhe sabe hum touro , em cuja ufana  
curva cerviz , a meya lua esgrime ,  
mourisco eclipse , gloria Lusitana,*

*A frente*

## FEUDO DO PARNASSO, 23

*A frente encurva, e o campeão sublime,  
em que se cifraõ meritos de Europa,  
se arroja amante, em namorado crime.*

*Amor foy, pois nas prendas, com que topa,  
vendo de Europa a gala, a bizarría,  
mais que o que o serve na brilhante copa.*

*Olhando o bruto Jove a que algum dia  
amara a formosura, a busca amante,  
pois que no objeto toda Europa via.*

*No ginete bucefalo espumante,  
zodiaco feroz da Magestade,  
o bruto tauro gira o Sol radiante.*

*Mas cabindo na rapida vaidade  
de hum rojaõ, quer amor, que o rayo prove,  
vingando a Nympha com gentil piedade;*

*E no braço de Joaõ o estrago move,  
porque sendo de Europa o regio brio,  
fosse o mortal escandalo de Jove.*

*Saelhe hum javali, que do sombrio  
bosque terror voraz, serdoso escudo,  
Marte em serdosa fabula vestio.*

*E esgremindo, das brenhas horror mudo,  
os agudos arpões, que a natureza  
ofez volante aljava, ou carcaz rudo.*

*Nas duras penhas com voraz fereza,  
afia as curvas de marfim navalhas,  
gravando em cada tronco huma proeza;*

*Eras-*

## 24 E VICTIMA NUMEROSSA.

*E rasgando dos montes as muralhas ,  
provoca na arrogancia , induz na furia ,  
lutas ás penhas , aos vergeis batalhas.  
Porém das queixas da troncada furia ,  
das plantas sindicando o magestoso  
Campeão vingador de tanta injuria ;  
Da escopeta ao suspiro pavoroso  
faz , que a fera , que o tumulto corteja ,  
faça o golpe trofeo , e a morte gofo.  
Para que o bosque assim livre se veja  
das feras , pois extintos seus imperios ,  
humam morreo do golpe , as mais de enveja.  
Sabe o viado , que em vitas mysterios ,  
faz nos dous troncos prologos da idade ,  
veloz correyo de ambos emispherios ;  
Sopro do bosque , rasgo da vaidade ,  
toucando a frente a duros martinetes ,  
he suspiro feroz , da soledade ,  
E desplumando os toldos , e os tapetes  
da selva , touca nos crystaes das fontes ,  
por penachos dous broncos ramilhetes.  
Dos zefiros espia , archa dos montes ,  
ouro das flores , dos vergeis Ciclópe ,  
vivente Bóreas , emplumado Brontes.  
Mas porque o estrago nos insultos tope  
de João , a lança no coral protervo  
da fera faz , que o sangue ao ferro ensópe.*

Morto



## FEUDO DO PARNASSO, 25

Morto da brenha o troculento nervo,  
aos pés Reaes cruento o viado troca  
pela purpura o credito de servo.  
Volta o ginete João, e a penas toca  
do verde prado a florida esmeralda,  
e ao levantar das mãos afasta a boca.  
Discorrendo de hum monte a verde falda,  
em que as aves, e as flores são alfayas,  
dos ares solfa, dos Abris grinalda.  
Onde as flores, do Zefiro athalayas,  
sendo dos olhos tremolas Phinicias,  
são dos olfatos de ambares Pancayas.  
Borboletas do Sol, de Abril caricias,  
polvoras de ambar, iscas de fragrancia,  
lenços da aurora, do vergel delicias.  
De purpura pastilha, de ambar ancia,  
febre de nacar, de carmim sangria,  
a rosa broche de rubins na infancia;  
Como Rainha rende a monarchia  
do prado a João, e a purpura de Tiro,  
com o ceptro lhe dá de Alexandria.  
O arroyo, que de pratas he suspiro,  
o dominio lhe dá da nova Hespanha,  
em vago potosi, prateado giro.  
O cravo, que a coraes purpuras banha,  
lhe dá o dominio da Arrochela amena,  
entrando a França por cruenta sanha.

D

A feu-

## 26 E VICTIMA NUMEROSA.

*A feudos de candor Abril ordena ,  
que hum jasmim de Cambray lhe renda a praça,  
e os estados de Olanda huma açucena.*

*O azul suspiro, que ao real se passa ,  
do mar , lhe rende as espumozas metas ,  
onde Neptuno a Joaõ os pés lhe abraça.*

*E de Ethiopia os reinos as violetas  
lhe tributaõ em negros rendimentos ;  
pois são do Prado Ethiopes baetas.*

*As aves em sonoros parlamentos  
de Inglaterra , o Solio ufanas rendem ,  
cujos dogmas são vozes , que são ventos.*

*As Clicas no Zenith em que se accendem ,  
a pezo de ouro cabem da grandezza,  
que a voos de ouro atbe os Sóes descendem.*

*E em dourado esplendor do Sol fineza ,  
postrandolhe do Ofir a monarchia ,  
lhe tributaõ o Imperio de Venezia.*

*As murtas , que aos jardins são galaria ,  
de esmeralda tributos , não de lirios ,  
daõ de Italia , pois brilhaõ a tosquia.*

*Imperios de Turquia os negros lirios  
postraõ , porque a pezar dos malmequeres ,  
seja Constantinopla a flor martirios.*

*Assim o Prado em floridos prazeres  
do mundo Imperios ao Campiaõ brilhante ,  
postra em Tirios padrões dos seus haveres.*

*E ainda*

E ainda a selva em adorno rutilante ,  
 faz dos chopos doces , setiaes das ramas ,  
 dos troncos solios , a Joaõ flammante.  
 E dos louros do Sol esquivas chammas ,  
 a quem de Jove os halitos respeitaõ ,  
 nas verdes folhas faz do vento camas.  
 Sendo as ramas , que ao vento plumas deitaõ ,  
 berços de Abril , que os Zefiros embalaõ ,  
 doces do ar , que as flammulas enfeitaõ.  
 Os cedros pavelhões , que ambar exhalaõ ,  
 sendo pannos de armar , que Abril tecera ,  
 por volumes de annaes , laminas fallaõ.  
 E a matizes bordando a verde esphera ,  
 emplumando doces á Magestade ,  
 eternisaõ padrões á primavera.  
 Normitas em bordada suavidade  
 da prateada flor , que o ar profuma ,  
 em culto á Citherea divindade.  
 Bordando estrados essa Deosa espuma ,  
 verdes tapetes a diamantes tece ,  
 que Abril matisa , que a esmeralda impluma.  
 Onde hum arroyo a perolas guarnece  
 coxins floridos , em que a Regia planta  
 se piza as flores , os vergeis florece.  
 Cisne de neve o arroyo por garganta  
 de aljofar , solfas de crystal respira ,  
 tiple de prata , que armonias canta.

D ij

Sen-

28 E VICTIMA NUMEROSA.

*Sendolhe aos quebros, que armonioso gira,  
compasso a flor, o Zefiro contralto,  
arpa o favonio, o rouxinol a lira.*

*E porque em nada esteja o campo falto,  
em baile de carmim, de ambar em dança,  
juntaõ-se as flores num purpureo salto.*

*As rosas por mais destras na mudança  
do tempo, nos saraos de Abril são guias,  
que com ar bailaõ, the que o Sol as cança.*

*Entransados formando as galbardias  
dos cravos, e açucenas, as mosquetas  
bailaõ de huma viola ás armonias.*

*E sendo liras de ambar as violetas,  
os girassoes em circulos daõ voltas,  
tocandolhe o favonio as castanbetas.*

*As Napéas, as Driades em soltas  
mudanças vem tocando os instrumentos,  
pois são de Flora nos saraos escoltas:*

*Sendo no prado em doces alimentos,  
dos sentidos em voltas, e armonias,  
bailes as flores, os crystaes accentos.*

*Neste, em que as flores dos Abris espias,  
alverge são do Hymeto, e de Cinára  
auroras de ambar, de fragrancia guias.*

*Em culto de alabastro argenta huma ara,  
de aljofar huma fonte, onde a ternura  
de huns jasmins rolas são, que o Sol queimara;*

*E em*

## FEUDO DO PARNASSO, 29

E em traição de crystal mostrando pura ,  
sincera candidez , que infiel recata ,  
beija na face as flores , e as murmura.  
Onde de aljofar ambições desfata ,  
mas sendo-lhe só lastima a riqueza ,  
lhe serve de despenho a mesma prata.  
Neste Lethes da Corte , que a destreza  
de Abril frondoso , Apelles de Amaltéa ,  
fez a arte trofeo da natureza  
Verde Medusa de matiz serea ,  
o pio fragrante o bosque he dos sentidos ,  
Circe de cores , de ambares Medea.  
Pois a Morfeo em thalamos floridos ,  
sendo extasi de placidos lethargos ,  
he suave estupor de adormecidos.  
Aqui sem que o descanzo roube os cargos  
do Ceptro, dorme João, e Rey vigia ;  
porque dos Solios inda o sono he Argos.  
E em quanto Morfeo goza esta usania ,  
o desmontado pegaso saudoso  
do Regio pezo , com que ao Sol subia.  
As esmeraldas do paiz vistoso  
tocando a penas , sobe a hum monte triste ,  
das espheras escandalo frondoso.  
Cuja grenba , que em carceres consiste  
das luzes , he dos Aquilos segredo ,  
que as auroras enluta , aos Sóes resiste.

On-

### 30 E VICTIMA NUMEROSA.

Onde berço das sombras o arvoredado ,  
dos Sóes mortalha , tumulto das luzes ,  
he dos olhos capuz , padrão do medo.  
Sendo d'aurora verdes alcatruzes  
as folhas , pelas quaes perolas coa ,  
ao Solar de que as ramas são capuzes.  
A broncas plumas bruta garça voa ,  
entre outras huma penha , que turbante  
das nuves he , dos Aquilos coroa.  
Solio dos montes , se dos Ceos Athlante ,  
Nembrot frondoso de emplumada grenha ,  
dos escolhos vassallos Rey gigante.  
Calçada de huma penha , e de outra penha ,  
doceis as nuves são da Magestade ,  
com que ao monte dá ordens , leys á brenha.  
As feras , lhe são archas da vaidade ,  
cada fonte hum trovaõ lhe adula os risos ,  
cada tronco hum valido lhe persuade.  
Aquelle desfolhado a broncos visos ,  
tronco cadaver , dos Abris caveira ,  
que epitafio da selva escreve avisos.  
Hum dos validos foy da aura primeira  
do escolho Rey , mas tumba das venturas ,  
he do tempo em lições muda cadeira.  
Aprendaõ esses chopos nas alturas  
do valimento , que Icaros sobidos  
se remontaõ nas azas das verduras ;

Que

## FEUDO DO PARNASSO, 31

Que se agora são Idolos floridos ,  
que lá seraõ no inverno desfolhados ,  
horrorosos cadaveres cahidos.

Olhem aquelles troncos açoutados  
das mesmas auras, que lhes foraõ cultos ,  
no inverno açoutes , nos Abris agrados ;

Pois trocando os afagos em tumultos ,  
o vento que no Abril lhe sopra os vivas ,  
voraz no inverno lhes açouta os vultos.

Naõ tremólem soberbas as altivas  
ramas, os pinhos, nem as altas fayas ,  
batão ao vento as flammulas festivas.

Olhem , que do pezar os bens são rayas ,  
que os cumes são braçoens dos escarmentos ,  
que as pompas das ruinas são alfayas.

Essas palmeiras , Icaros dos ventos ,  
piramides do monte , que em turbantes  
verdes aguias asustão firmamentos ;

Olhem la para os troncos vacillantes ,  
verão medir a queda pela altura ,  
e pelo pezo , com que são gigantes.

Esses ciprestes , que doceis da dura  
penha , são desse monte urnas funestas ,  
brandões tristes , que agouraõ sepultura.

Trocando em funeraes de Abril as festas ,  
he frondoso capuz da rama o luto ,  
que tremóla epitafios ás florestas.

Naõ

### 32 E VICTIMA NUMEROSSA.

*Não se ufane das pompas no attributo  
o Solio, pois por feudo do fêretro  
sempre a ruina he da grandeza o fruto.  
Sendo dos fados ao discorde Pletro  
ruina, luto, incendio, cinza, estrago,  
o cume, o Solio, o auge, a pompa, o ceptro.  
No excelsõ monte desperdiça hum lago  
de áljofar, outra penha, alto remate  
do monte, que he da esphera horror preságo.  
Bronco Tifeo, que dando aos Sóes combate,  
os astros estremece, os ventos piza,  
pois nuves rompe, quando estrellas bate.  
Cuja frente de myrtos se matiza,  
verdes lenços ás lagrimas da fonte,  
que perolas soluça, se ais graniza.  
Helicon se nomea o excelsõ monte,  
sendo Hipocrene a fonte, ou Cabalina,  
de que envejozo foy Bellerofonte.  
Vendo o Pegaso Regio a empreza digna,  
das azas, que remonta, a unha esgrime  
na dura penha, que feroz domina,  
Bate o penhasco na cerviz sublime,  
rasga da penha as lugubres muralhas,  
e desenterra as Musas, que ella opprime.  
Redemidas do pegaso as batalhas,  
sabem cobertas de horroroso luto,  
servindo-lhes de adornos as mortalhas;*

Dis-



## FEUDO DO PARNASSO, 33

Dispondo os fados , que em fatal tributo ,  
das prendas seja hum monte sepultura ,  
onde só achão lastimas num bruto.

Sabindo pois da horrida clausura ,  
arrimadas em bacolos de louros  
as Musas , como pobres de ventura ,  
Como sempre das ditas são agouros ,  
vestidas vem nuns miseros remendos ,  
de que faz mosa o mundo , o Sol thesouros.

Pendurados num tronco os estupendos  
alaúdes , clarins são das victorias  
de Apollos Lusos , Anfioens horrendos.

De hum Camões , hum Miranda , são memorias.  
de hum Barboza , hum Fonseca, hum Jacinto,  
hum Lobo, hũ Palma, e outros de iguaes glorias.

De hum Bahia, de hum Prospero, de hum Pinto,  
de hum Telles, e outros muitos, que accredores  
em padrões são dos bronzes de Corintho.

Que na esphera paiz dos esplendores ,  
urnas lhes borda a tremolos diamantes  
o azul jazigo , sendo os Sóes labores.

Pegão nos instrumentos resonantes ,  
e sendo-lhes diademas louros , e heras  
entoão doces rimos , e descantes.

Desce Apollo do coro das espheras ,  
pulsa a lira, Amphioens , Orpheos derrama ,  
veste o prado de Lusas primaveras.

E

E na

### 34 E VICTIMA NUMEROSA.

*E namorado o Deos da esquiva rama ,  
de adorados rigores fez coroa ,  
trono á cabeça dos deusdens , que ama.  
Por enculcas do Pegaso , que voa ,  
presentem de Joaõ a visinhança ,  
cujo nome a clarins o Sol pregóa.  
Todos correndo , a voos da esperanza ,  
aqui pesquisaõ ramas , alli flores ,  
sendo ao dezejo estimulo a tardança.  
Chegãõ a huma gruta os esplendores  
de Leucote em tremolos diademas ,  
guardas saõ , que o ouro dobra por traidores.  
Onde em prizoens as flores saõ emblemas  
de verdes corações , de amantes heras ,  
que dos jasmims em grilhos saõ algemas.  
A quem por zelozias de Efimeras  
de ambar , perolas geme transparentes ,  
hum arroyo bordando primaveras ,  
Que em carcere de prata aos delinquentes  
Abris , pelos delictos da belleza ,  
tem as flores metidas nas correntes.  
No meyo desta gruta em sombras preza ,  
de hum deliquio em regaço de açucenas ,  
sendo o desmayo esmalte da lindeza  
Huma dama se via , que em serenas  
lagrimas , roubadoras dos matizes ,  
enseitava com perolas as penas.*

Negro

## FEUDO DO PARNASSO, 35

Negro luto o cabelo , por felices  
mortes , capuz dos Sóes , que amortecia ,  
amortalhava os rayos nos eclipses.

Desta noite era a testa o claro dia ,  
alva de neve , de jasmins aurora ,  
onde a luz de dous Sóes amanhecia.

Por dous arcos , doces que amor arvora ,  
tiraõ flechas dous negros , cujo astuto  
rigor , a escravidaõ faz muy senhora.

Negros os olhos , onde o Sol defunto  
de escuros esplendores fez mortalha ,  
porque onde teve a morte , tenha o luto.

Entre dous campos , donde Abril batalha ,  
em peleja de rosa , e de açucena ,  
tregoa de neve , he o nariz muralha.

Equinocios de Abril Astrea amena ,  
de prata , e rosa as faces em florido  
equilíbrio , equivocação gloria , e pena.

Da bocca ao cravo deixaõ mal ferido ,  
huns soldados de aljofar em duas linhas ,  
que a golpes de rubim veyo a partido.

O colo vendo nas guerreiras pinhas  
flores , e luzes , cuja guerra espanta ,  
por escada de neve accode ás rinkas.

As perolas , que excede , hindo com tanta  
sumissaõ enfiadas de atrevidas ,  
por odio lhe não passaõ da garganta.

Eij

Tro-

### 36 E VICTIMA NUMEROSA.

Trofeos de neve as mãos , por quem vencidas  
as açucenas são em puras almas ,  
purgatorio de prata a mortas vidas.

Onde o gelo em crystaes nevando calmas ,  
faz que em guerra de fogo cante a neve  
as vitorias , e a prata leve as palmas.

Indicio do jasmim duvida leve  
o pe , por hum escrupolo de prata ,  
tem graças de açucena por ser breve.

Esta era a bella Lisia , que na ingrata  
ausencia do seu Sol , que se lhe occulta ,  
só por nelle o ver posto hum mar desata.

Mas serenando os Sóes , que o mar sepulta ,  
animada das Musas , que saudosas ,  
buscaõ o mesmo , que elle difficulta.

Ouvindo-lhe as queixas lacrimosas ,  
com que a poesia inculcaõ na pobreza ,  
de madrinha lhe mostra acções piadosas.

Vaõ todos com Apollo pela espessa  
matizada republica dos prados ,  
fazendo a ancia esmaltes á fineza.

E por mostrar fieis os seus cuidados ,  
levaõ as nove Musas prendas nove ,  
cifrando em curtos dons de amor aggrados.

Tres pomos , em que o gosto ambrozias prove ,  
tres flores , em que Abril ambar exhala ,  
tres aves , primaveras que o ar move.

O me-

## FEUDO DO PARNASSO, 37

- O melão sabio , que por letras falla ,  
secretario em silencio eloquente ,  
que so sabe melhor , quando se calla,  
A laranja , que oraculo prudente  
de agro, e doce, de hum ceptro he documento ,  
que em rigor, e carinho está pendente.
- Aromãa , Pelicano , que o alimento  
para dar aos que impéra , rasga o peito ,  
dando a purpura ao bago accatamento.
- O girasol , que a inclinações sogeito ,  
dobra o diadema á luz , a que se inclina ,  
sendo-lhe o ouro o pezo do respeito.
- A rosa, de rubins purpurea mina ,  
que de espinhos a purpura cercada  
tem nos lados verdugos á ruina.
- A açucena de Abril casa nevada ,  
da moeda, ouro, e prata resplandece ,  
que a deixa em branco , e a olanda prateada.
- O Pavaõ , que em plumado Abris florece ,  
e na roda , que o cerca olhos duplica ,  
alerta aos lados , que o esplendor guarnece.
- A Aguia , que de Sóes ambição rica ,  
tendo para o Sol azas , rompe alturas ,  
e ouro bebendo, ao Sol pennas lhe applica.
- E o Papagayo , que adulando a puras  
verdes razões , a fallas da ignorancia ,  
faz a lingua correyo das verduras.

Este

### 38 E VICTIMA NUMEROSA.

*Este o presente , com que amante huma ancia  
avisa ao regio Sol pelas saudosas  
Musas , que o buscão com veloz constancia.  
Correm as mudas selvas , as frondosas  
ramas inquirem , sem que as diligencias  
configão mais , que perolas chorosas.  
Soltão da Aguia as azas , que a eminencias  
cartas de pluma são , do ar correynos ,  
que do Sol communicão as ausencias.  
E inquirendo da selva os broncos seyos ,  
a Aguia la descobre o magestoso  
Sol Lusó, em braços dos de Abril affeyos.  
Bate as azas , e em culto respeitoso ,  
cabindo aos pés da Lusa Magestade ,  
sobio ao Sol com voo generoso.  
Correm as Musas com feliz vaidade ,  
Apollo, e Lisia ao bosque do Sol Corte  
por Palacio da Lusa divindade.  
Guiados todos pelo Regio norte  
chegão ás Reaes plantas , donde as frentes  
mais louro cingem por trofeos da sorte.  
Os corações lhe rendem , e os presentes ,  
que Joaõ recebe por de amor primicias ,  
que ao Regio altar são victimas ardentes.  
Esmaltando as vontades nas caricias  
postradas com profundo accatamento ,  
Pataras são de Apollo as Musas Lisias.*

*Afina*

*Afina Apollo o delfico instrumento ,  
soltando a voz , que remoras esgrime ,  
e assim respira o armonioso alento :*

*Augusta Magestade , Rey sublime ,  
de cujo imperio, canta o mundo, a fama ,  
treslada Alcides, Cesares imprime.*

*Por quem, Senhor, o Sol pregões derrama  
nas luzes , e nas ondas o mar toca  
clarins, que a esphera borda, o vento acclama.*

*De cujo applauso o Sol he lingua pouca ,  
curto volume o mar , padrão indigno  
ofirmamento , e a fama muda bocca ;*

*Estas , Senhor , que injurias do destino  
popilas Musas , orfas de ventura ,  
farças do tempo são , do mundo ensino.*

*Pois caveira das ditas , sepultura  
dos fados, a Poezia, erpe do augmento  
dos bens he tumba , da desgraça usura.*

*Nos abrigos do regio acolhimento ,  
esse sagrado seu hospicio seja ,  
que o infeliz he do excelfo o luzimento ;*

*E trocada a ruina em gloria , veja  
o mundo , ser no apoio soberano ,  
ciume a dita , que a desgraça enveja :*

*Trofeo a pena , he já triumpho ao dano  
o refugio , Senhor , de tão preclaras  
sombbras , que são da dor credito ufano.*

E

#### 40 E VICTIMA NUMEROSSA.

*E estes louros desdems de luzes claras ,  
a vossos pés por taboas do naufragio ,  
sejão cultos do altar , trofeo das aras :  
Assim Apollo com feliz presagio ,  
e as Musas pondo os louros por tributo ,  
fazem os votos da àfflição suffragio ;  
E intercédendo Lisia colhe o fruto  
do rogo amante , no piadoso affecto ,  
com que João commuta em galla o luto ;  
Pois com benigno amor , com pio aspecto ,  
piadoso ás Musas seu favor promete ,  
sendo a regia attenção ditoso objecto.  
No quadrupede atado ramilhete ,  
do Pegaso se monta , que illustrado  
sóbe a ser astro , que com o Sol compete.]  
Vão adiante vaidosos o dourado  
Apollo, e as Musas por fieis lacayos ,  
pagem da tocha Lisia, a luz do aggrado ;  
E em festivas canções doces ensayos ,  
chegão ao Regio alcaçar magestoso ,  
dos Sóes esphera , se Zenith dos rayos.  
Onde João , com Regio generoso  
animo , enternecido á Magestade ,  
faz gloria a pena , e a pobreza gofo :  
Assim se espera ó Lusa Divindade ,  
para que por occulto alto mysterio ,  
gravando a fama annaes á eternidade ,  
tenha o quinto João o quinto Imperio.*

F I M.